

## POR UMA UNIVERSIDADE LUGAR DA CIDADE

TURINO SILVA, João Pedro<sup>1</sup>

Mestrando em Geografia pelo PPGGEO-CPTL-UFMS

E-mail:jp\_turino@hotmail.com

**RESUMO:** Esse artigo pretende realizar uma reflexão acerca do conceito de lugar, a partir de um olhar para o futuro que torne a universidade um “lugar” da cidade e suas culturas, e posicionando o papel da Geografia nesse processo. Usando de um levantamento bibliográfico que envolve leituras acerca dos estudos urbanos e das juventudes, se ambiciona (re)pensar a trajetória das universidades no país, sua configuração atual e sua relação com as cidades e as dinâmicas do capital. Usou-se também de trechos de entrevistas realizadas em uma pesquisa de mestrado ainda em andamento e registros fotográficos do evento: “Universidade de Todos e Todas: mostra de Cursos para Estudantes do Ensino Médio”, organizado pelo Projeto de Extensão Universidade Necessária que aconteceu na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas.

**Palavras-chave:** Lugar, Universidade Necessária, CPTL-UFMS.

GT – 11: “Práticas culturais na produção da cidade”

### INTRODUÇÃO

Antes de qualquer exposição, é válido, já no início, alertar o leitor que este artigo terá como fundamento uma pesquisa de pós-graduação em Geografia (ainda em andamento) que investiga os estudantes de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- Campus de Três Lagoas (CPTL-UFMS), e que a partir de informações e dados gerados, apontou questões pertinentes de se debater, ainda que não sejam o objetivo primário da pesquisa em si.

---

<sup>1</sup> Formado em licenciatura e bacharel em Geografia, integrante do Laboratório de Estudos Urbanos e do Território (LETUR) e do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), bolsista CAPES.

Ainda, se tratando de uma pesquisa firmada na perspectiva feminista (Silva, Ornat e Chimin, 2017), assume assim um saber parcial (HARWAY, 1995), válido, bem fundamentado, mas que sabe que toda vista é enxergada de um ponto (BOFF, 1997) e todo ponto tem seu contexto socioespacial, ideológico e histórico, influenciando no olhar do pesquisador (ANDRIOLI, 2006).

Diante dessa posição, não só o levantamento bibliográfico e entrevistas (adiante melhor explicados) serão fontes importantes da discussão nesse texto, mas a observação e participação do evento “Universidade de Todos e Todas: mostra de Cursos para Estudantes do Ensino Médio”, promovida pelo Projeto de Extensão Universidade Necessária no dia 10 de Maio de 2022 no CPTL-UFMS, que convidou estudantes secundaristas para uma visita à universidade, conhecendo os blocos, os cursos e havendo a realização de palestras, de uma feira solidária e uma apresentação musical.

Dessa forma se pretende construir nesse texto uma reflexão acerca da universidade, do curso de Geografia do CPTL-UFMS e seus estudantes, frente a dinâmicas socioespaciais mais gerais, que vão impactar as cidades e conseqüentemente o próprio ensino superior brasileiro, nos levando a alguns questionamentos, como: Qual a função da universidade pública no contexto atual brasileiro? Qual o papel do curso de Geografia na universidade pública? De que forma a universidade pode se aproximar da(os) cidadãos/comunidade? Qual o “lugar” da Geografia nesse processo de possível aproximação?

Essas perguntas e outras, orientaram a escrita desse texto, e não se pretende respondê-las integralmente, mas avançar em um debate acerca desses temas, pontuando uma análise geográfica, nos aproximando de conceitos e ideias da própria Geografia Urbana.

A estrutura do texto seguirá os tópicos de: “Metodologia”, apontando os procedimentos metodológicos e o caminho até a construção desse artigo; “A Univer(cidade)” da escala nacional à local, onde resgataremos importantes referências para identificarmos a situação atual das universidades no Brasil. Doravante, o tópico “O Lugar”, há de tratar acerca do conceito de lugar e em tom de síntese e conclusão das ideias, os tópicos “A Universidade Como Lugar da Cidade” e “Considerações Finais” (e claro, referências bibliográficas).

## METODOLOGIA

A construção desse texto foi baseada em um levantamento bibliográfico, que já estava em processo, com um arcabouço teórico considerável, resumido e classificado por temas; também foi baseado na realização, transcrição e organização de entrevistas guiadas pelos elementos propostos por Colognese e Mélo (1998). Trabalhou-se com o roteiro específico e com entrevistas semiestruturadas; convém adicionar que as entrevistas foram realizadas de forma *on-line*, dada a situação da pandemia do Covid-19 no ano de 2021 (por meio da plataforma *Google Meet*). As entrevistas exigiram um tratamento dos dados, separando em um quadro temático, os temas que compareceram em mais de uma entrevista, e que se mostraram categóricos para a avaliação da experiência de juventude, cidade e universidade desses estudantes.

Há também a contribuição da participação do projeto de extensão “Universidade Necessária”. Quando ingressei no projeto (no mês de Abril de 2022) não havia interesse de descrever de forma etnográfica todas as atividades e ações do projeto, mas sim de conhecer, colaborar e apreender talvez alguns elementos que somariam sim à minha pesquisa, mas não de forma direta. Porém, ao colaborar com a organização do evento “Universidade de Todos e Todas: mostra de Cursos para Estudantes do Ensino Médio”, ter longas conversas com a coordenadora do projeto e na leitura (em processo) de obras acerca das universidades, das juventudes e da própria Geografia Urbana, me vi em uma situação singular, como posto por Velho (1980), desnaturei o evento que ali estava ocorrendo (e seu entorno), e comecei a observar de forma mais investigativa, buscando estreitamentos entre o que ali acontecia e as questões identificadas no levantamento bibliográfico, nas entrevistas realizadas e outras fontes de dados utilizadas na pesquisa (mas não utilizadas para esse artigo). Com essa desnaturalização do que é familiar (por estar sempre na universidade) registrei através de fotos alguns dos momentos do evento, e formulei pequenos escritos, fazendo uma relação com a minha pesquisa e com a “assemblage” (PAIVA, 2017) ali em ebulição. Há de se pontuar, que as fotos registradas por mim não foram as únicas, sendo utilizadas aqui nesse texto fotos disponíveis na página do *Facebook*<sup>2</sup> do projeto.

---

<sup>2</sup>Link da página de Facebook do projeto Universidade Necessária: <<https://www.facebook.com/search/top?q=universidade%20necess%C3%A1ria%20ufms>>

## A UNIVER(CIDADE)

Para Neves e Martins (2016), a universidade antes de tudo, diferenciando-a de centro universitário ou instituto, é caracterizada por ter autonomia didática administrativa e financeira e por ter presente um número expressivo de mestres e doutores, voltados para o ensino, a pesquisa e a extensão.

Zuba (2013) vai pontuar em sua tese alguns elementos pertinentes à compreensão atual da universidade pública brasileira, ao fazer o resgate histórico do surgimento da mesma. A autora ressalta a dimensão política do atraso do surgimento de universidades no território nacional. Ora, no Brasil (ainda colônia) se temia que as universidades formassem pensadores que se associassem às causas independentistas; dessa forma os poucos institutos de ensino superior no Brasil eram pontuais e pouco expressivos. Após a independência, se assiste à criação de um panorama de ensino superior diferente, como posto por Saviani (2010), foram criados os Cursos de Direito de São Paulo e de Olinda, entre outros institutos isolados, mantidos pelo estado e sem uma inter-relação entre si.

Nos anos seguintes, segundo Saviani (2010) e Zuba (2013), manifestações de ideologia liberal e positivista passam a exigir a existência de faculdades e universidades privadas, “livres” das mãos estatais, ocasionando no surgimento de algumas faculdades e esboços de universidades particulares, mas ainda de forma acanhada, isoladas entre si, respondendo a necessidades econômicas particulares de diferentes cidades e estados. É apenas nos anos 30 sob o governo de Getúlio Vargas que a universidade retornará a estar mais presente nas mãos do estado, a USP (Universidade de São Paulo) surgirá nesse contexto, e ainda na década de 30 a UNE (União Nacional dos Estudantes), há então, um processo de federalização do ensino superior.

As décadas adiantes vão contar com inovações, importantes pensadores como Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Álvaro Vieira Pinto vão (re)pensar a função da universidade pública e a partir de pesquisas e intercâmbios, projetar uma universidade que responda aos problemas vividos pela sociedade brasileira, uma universidade que rompesse com a ideologia colonialista e pensasse o Brasil a partir do Brasil (ZUBA, 2013). Esse movimento de ideias vai ser

combatido pelo golpe de 1964, que se esforçou para conter pensamentos e ações de ruptura ao *status quo*, os militares reafirmavam assim uma posição de condescendência aos interesses das nações colonialistas, e imprimindo um sistema de ensino superior no Brasil, inspirado no modelo de universidade estadunidense (SAVIANI,2010).

Apesar dos esforços militares contra as mobilizações da UNE que lutava por uma universidade reformada, mais democrática e autônoma (PINTO,1994), o movimento estudantil tomou as ruas, ocupou universidades e pressionou o governo a criar novos campus Brasil afora, além de uma ampliação nos quadros de pesquisa e extensão universitária. Vale lembrar que na década de 60 nasceu a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) outra importante associação na luta contra a ditadura civil militar (OLIVEIRA,2012).

É nesse período que surge o curso de Geografia em Três Lagoas, no ano de 1967 foi criado na cidade o Instituto de Ciências Humanas e Letras; segundo Benfica (2014) havia 5 cursos no então instituto superior, foram eles: História, Geografia, Pedagogia, Matemática e Letras. Mais adiante, o instituto passaria a integrar uma rede de ensino superior (1969) que abrangia também Campo Grande e Corumbá e passaria a se chamar Universidade do Estado do Mato Grosso (UEMT), mas com a divisão do estado do Mato Grosso (1977), a instituição passou a ser federal, sendo nomeada Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CAMPOS,2021).

Embora haja tido importantes conquistas nesse período, como o próprio surgimento de Institutos de Ensino Superior no interior do país (tal qual o caso do CPTL-UFMS), algumas questões estruturais não foram alteradas, e a universidade ainda continuou refém do governo civil militar e da ideologia neoliberal que viria a se instalar nas universidades principalmente a partir da década de 90 (OLIVEIRA,2012) e conseqüentemente uma lógica de lucro (CHAUÍ,2003).

Para Harvey (2008, p.12):

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a

propriedade privada, livres mercados e livre comércio; o papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas.

É essa teoria que adentrou as universidades do mundo todo (CHAUÍ,2003), se globalizou (HARVEY,2008) e atingiu de forma aguda o estado, as cidades e os sujeitos (LEFEBVRE,1974).

Apesar dos avanços inegáveis e inéditos nos governos de Lula e Dilma (RISTOF,2014), de alguns anos para cá os cortes de recursos públicos para a educação tem sido drásticos, e a rede privada de ensino superior tem se aproveitado da insuficiência do ensino público superior para ampliar seu mercado(NEVES e MARTINS,2016); com graduações à distância e/ou híbridas, servindo assim à lógica apontada por Chauí (2003), a educação superior passa a ser mercadoria.

Em concordância com uma ideologia/inciativa que segrega, reestrutura e (re)funcionaliza os diferentes espaços da cidade (SPOSITO,2011), as dinâmicas do capital no Brasil e no mundo vão homogeneizar localidades (ABREU,2011). Buffa e Pinto (2016) nos alertam acerca da arquitetura da maioria dos campus universitários do Brasil que são inspirados no modelo norte americano (herança da ditadura civil militar, como mencionado antes) e que em seu próprio espaço se é funcionalizado e hierarquizado tal qual o espaço urbano (COSTA,2020).

A universidade mesmo pública, media suas relações (interiores e exteriores) através da mercadoria (COSTA,2020) como a cidade a que faz parte. Assim, segundo a autora, a universidade cria meios de exclusão e filtro de quem “pode” frequentá-la. O vestibular (OLIVEIRA e SILVA,2010), a ausência de moradias estudantis, poucas disponibilidades de bolsas de pesquisa e extensão são alguns dos vários empecilhos existentes que impedem o(a)s jovens brasileiros de ingressar no ensino superior. No caso específico do CPTL-UFMS<sup>3</sup> como podemos ver no Mapa 1 se tem uma considerável distância do campus II ao centro da cidade;

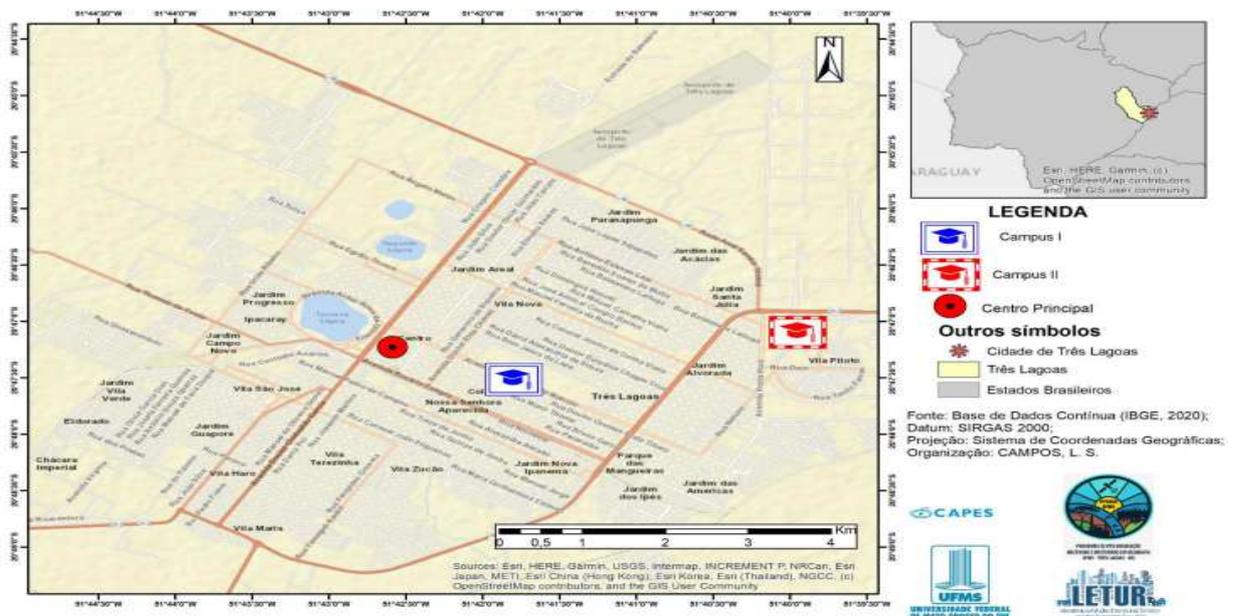
---

<sup>3</sup> Vale pontuar que o Campus II é onde se leciona o curso de Geografia e a esmagadora maioria dos cursos, enquanto no Campus I se têm pouca atividade acadêmica, mais voltado a questões administrativas e de arquivamento.

essa distância de alguma forma dificulta a vivência de cidade dos estudantes, que nas entrevistas realizadas se mostraram sempre dependentes de meios de transporte privado, pelo sistema de transporte público de Três Lagoas ser defasado e insuficiente, como posto por Campos (2021).

Em outra entrevista realizada, ainda durante a pandemia, o estudante que estava residindo na cidade de Três Lagoas mostrou não saber se tinha (no momento) ônibus em Três Lagoas, afirmando depender da bicicleta como meio de se locomover na cidade. Nas entrevistas feitas (todas), os estudantes em algum momento utilizaram/utilizavam da bicicleta como meio de transporte.

**Mapa 1** – Localização na planta da cidade do Campus do CPTL-UFMS



Organização: CAMPOS, L. S. (2021).

Fonte: Campos (2021).

Outra questão muito colocada foi a dificuldade de se ter bolsas de extensão e pesquisa e/ou mesmo o baixo valor das mesmas. Uma estudante (de Geografia) quando questionada sobre a bolsa de extensão do Programa de Extensão Tutorial (PET)- Geografia do CPTL-UFMS, comentou:” É, ajuda um pouco, é muito pouco (risos), mas melhor que nada”.

Trata-se de uma bolsa de 400 reais, para uma carga horária de 20 horas semanais a serem dedicadas ao PET-Geografia. Em outra situação se vê a reclamação de um estudante acerca da ausência de bolsa:

“...fiquei 2019 inteiro no laboratório da M\*\*\* e eu não recebi a bolsa, foi bem naquela época dos cortes, sabe? E eu ia eu ia todo santo dia de bicicleta, assim *tava* até brincando com ela esses dias, quando eu terminar de defender monografia vou falar assim, eu quero falar :foi sofrido...”

Ora essas e outras dificuldades de se ingressar e concluir um curso superior atingem milhões de jovens brasileiros, que enxergam seus futuros “desfruturizados” (PAIS,2006); com pouca esperança e perspectiva, um campo de possibilidades (VELHO,2006) roubado e limitado por promessas que o capitalismo não cumpriu.

## O LUGAR

Santos (2014) ao investigar os espaços e as práticas de leitura de jovens universitários em Goiânia, vai chegar à conclusão de que alguns jovens não leem não por falta de interesse ou curiosidade, mas sim por ausência de espaços disponíveis para leitura, ou mesmo a disponibilidade de livros para essa juventude. No mesmo trabalho, o autor exclama: “A juventude vive em busca do seu lugar” (2014, p.63).

Para Freitas e Braga (2013) compreendendo o lugar como consequência das relações com as pessoas que neles habitam, evidenciando a dimensão do social e cultural, produzidos a partir das práticas socioespaciais do cotidiano; vão investigar os universitários viajantes, que percorrem diariamente longas distâncias em transportes coletivos(ônibus) intermunicipais para suas aulas da graduação, e identificar que o transporte é ressignificado, deixa de ser apenas um meio de locomoção e passa a ter trocas, construções, desde alguns momentos de estudo de forma coletiva, jogos de baralho, contação de histórias e piadas à celebrações de aniversário.

Freitas e Braga (2013, p.101) vão dizer que:

De acordo com Carlos (2007), o sentido dos “lugares” é criado pelas relações que os indivíduos estabelecem com eles e com as pessoas que neles habitam. Portanto, “o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso” (CARLOS, 2007, p.12). É isso que esses jovens comunicam a nossa ver e é isso que faz a riqueza e a peculiaridade desse modo específico de ser universitário. Diante do exposto, podemos dizer que, no percurso de ida e volta à universidade, os ônibus universitários ganham uma dimensão social e cultural. Neles verificamos, sobretudo, a invenção de um cotidiano muito peculiar, mediante práticas realizadas pelos estudantes e dos usos que eles fazem desses veículos. Concebidos inicialmente para ser apenas um meio de locomoção, os transportes se transmutam em “espaço”, lugar praticado, na acepção de Certeau (1998) onde as práticas e “artes de fazer” marcam as relações dos indivíduos entre si e com a ordem.

Percebemos aqui uma intertextualidade interessante entre as duas pesquisas acima mencionadas, em uma se identifica a busca por um lugar, enquanto que em outra se evidencia a ressignificação de um espaço que teria sua função bem definida (transportar), mas é transformado em um lugar de convivência. Essa capacidade de ressignificar espaços, é característico das juventudes e principalmente das culturas juvenis, como mencionado por Feixa (2003), vão formando uma verdadeira cidade secreta, onde o que é privado se torna público, o que é individual se torna coletivo, aquilo que é não lugar se torna lugar.

Massey (1991) no esforço de repensar a definição do conceito de lugar vai propor que os lugares, sejam palco de múltiplos significados e identidades tal como as pessoas. O lugar na visão da autora passa a ser um espaço do encontro, e então, diante das diferentes formas de encontro, o lugar se amplia em escala e definição; os lugares passam a ser processos, com fronteiras não delimitadas (ao menos não claramente) e inúmeras identidades e significados.

Nas entrevistas realizadas podemos perceber trechos que mencionam esse encontro no espaço universitário:

“É no nosso bloco tem uns banquinhos que a galera sentava, bem na frente do bloco, no estacionamento também tem, a galera sempre sentava, perto do RU (Restaurante Universitário) tem esses banquinhos também... é que dentro da universidade é bem limitado, você só se encontra senta, conversa e tudo mais”

Aqui há uma fala de uma estudante que deixa claro a “limitação” dos espaços de encontro da universidade, de fato no campus do CPTL-UFMS há poucos espaços para encontro, lazer e tempo livre.

Müller et al. (2015) também vão identificar no Campus Porto (um dos campus da Universidade Federal de Pelotas) uma ausência de infraestrutura que possa propiciar o lazer, o encontro e o tempo livre dos estudantes, mas ressalta do potencial que a universidade tem para isso, podendo ser um espaço de lazer e expressão cultural.

E é nesse ponto que se tem algo pertinente à nossa discussão. Serpa (2011) vai evidenciar a potencialidade da cultura popular, e como o lugar, enquanto espaço vivido, tem um potencial de exercer centralidade; e já conscientes da busca sedente por um lugar de encontro por parte das juventudes, se evidencia aqui um possível (e necessário) caminho para as universidades públicas brasileiras, com um papel chave da Geografia.

#### A UNIVERSIDADE COMO "LUGAR DA CIDADE"

No evento “Universidade de Todos e Todas: mostra de Cursos para Estudantes do Ensino Médio”, que aconteceu no dia 10 de Maio de 2022 no CPTL-UFMS, o projeto Universidade Necessária<sup>4</sup> convidou escolas com turmas de ensino médio para fazerem uma visita acompanhada à universidade, no mesmo dia aconteceu uma feira solidária (este especificamente organizado pelo PET-História do CPTL-UFMS, vide figura 1) e apresentações culturais ( como mostra a figura 2).

O projeto é inspirado nos pensamentos de Pinto (1994) que defendia uma reforma da universidade, torná-la realmente pública, voltada para o povo, integrar a comunidade e os cidadãos ao ambiente universitário, e que abrisse suas portas à cultura popular, e ao saber dos excluídos do sistema de ensino superior. O projeto carrega o nome de Universidade Necessária fazendo referência ao livro de Darcy Ribeiro (1975) que reivindicava uma universidade capaz

---

<sup>4</sup> O Projeto Universidade Necessária tem por objetivo geral contribuir para a aproximação da Universidade com a sociedade por meio do estudo, debate e difusão do pensamento crítico sobre os temas relevantes da economia, da política, da história e da cultura.

de pensar os problemas do país e buscar alternativas às correntes da dependência econômica, à desigualdade de acesso e de renda e tantos outros problemas da nossa nação.

**Figura 1-** Flyer de Divulgação da III Feira Solidária



**Fonte:** Página de *Facebook* do Universidade Necessária,2022.

**Figura 2-** Flyer de Divulgação da Apresentação Cultural do Dia 10/05/2022



**Fonte:** Página de *Facebook* do Universidade Necessária,2022.

No evento aqui mencionado, estiveram presentes estudantes secundaristas da rede estadual e da rede privada de ensino, e com um roteiro bem organizado, participaram de palestras (como demonstra a figura 4) acerca de alguns dos cursos oferecidos pelo CPTL-UFMS, informações importantes acerca do vestibular, conheceram os blocos de algumas das graduações, em alguns casos aconteceram exposições com os materiais de extensão e pesquisa desses respectivos cursos, outros ofereceram visitas aos laboratórios. O roteiro da visita se encerrou no bloco 4 (bloco do curso de Geografia) onde aconteceu a feira solidária (representada na figura 3), que vendia livros, miçangas, verduras de pequenos agricultores, roupas e outros produtos. No mesmo espaço aconteceu o *show* musical (presente na figura 5) e o oferecimento de lanches e suco (de graça).

Eu enquanto parte da organização do evento pude acompanhar alguns estudantes fazendo um *tour* pela universidade. Se via estudantes animados e curiosos com o que veriam, alguns ansiosos pelo departamento de Biologia, outros pelo departamento de Medicina, via-se também alguns indecisos, conversando com seus colegas acerca de suas dúvidas e (in)certezas; ouvi piadas e comentários advindos dos secundaristas de uma das escolas públicas presentes ironizando a branquitude dos estudantes do ensino médio de uma das escolas privadas, mas acima de tudo notei uma vontade e disposição dos estudantes de fazer parte do ambiente, se integrar ao espaço, tornando o *tour*, as palestras, a feira e o *show* fluírem muito bem.

**Figura 3-** Foto da III Feira Solidária- CPTL-UFMS



**Fonte:** Página de *Facebook* do Universidade Necessária, 2022.

**Figura 4-** Palestra sobre o curso de Pedagogia



**Fonte:** Página de *Facebook* do Universidade Necessária,2022.

**Figura 5-** Apresentação Cultural: Entre Sertões, Entre Rios, Entre Vidas.



**Fonte:** Acervo próprio,2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforçando as ideias de Mesquita (2008), que afirma que o movimento estudantil contemporâneo se aproxima das culturas, por saber da dimensão política e as virtudes de agregação que as culturas têm, o artigo aqui posto defende uma maior aproximação da expressão cultural popular dentro dos campus universitários. O potencial da universidade enquanto “lugar” das culturas da cidade, enquanto espaço de convivência (Müller et al,2015) é evidente.

O evento aqui discurrido é apenas um ensaio de uma universidade com reformas, antes políticas do que pedagógicas (PINTO,1994); trata-se de um convite aos que tiveram seu direito à cidade (LEFEBVRE,2001), direito à juventude (TURRA NETO,2015) e direito à universidade negados, a se ocupar a universidade através de eventos culturais que façam relação com as reais necessidades da comunidade e do povo.

A proposta é uma ressignificação do espaço universitário, e como visto no texto essa ressignificação dos espaços é característica das culturas juvenis e da juventude em si, portanto quanto mais culturas (sejam juvenis ou não) e mais jovens (sejam universitários ou não) maior será a possibilidade da universidade passar a ser um lugar não só para os graduandos e professores mas para a população em geral, para a cidade.

E aqui a Geografia tem um papel fundamental, (re)pensar, (re)organizar, analisar o espaço que se ressignifica, que se transforma com a ocupação daqueles que estão “de fora” da universidade. A Geografia (das Juventudes principalmente) há de apontar caminhos possíveis e novos desafios de um espaço redefinido por práticas socioculturais que são sempre espaciais.

A procura das juventudes por um lugar, revelado nos semblantes dos secundaristas visitando a universidade, e a capacidade de reformular a lógica privada para pública (FREITAS E BRAGA,2013) precisam acontecer dentro da universidade pública para que a mesma seja mais pública do que o é.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Sobre a Memória das Cidades. In: In: CARLOS.A.F. A;SOUZA,M.L. De; SPOSITO, M.E.B(orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.**São Paulo: Contexto,2011, p.19-39.

ANDRIOLI, A. I. O lugar das ciências humanas na universidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 5, p. 1-16, 2006.

BENFICA, T.A.H. A Universidade Pública em Três Lagoas/MS e as titubeações do campo histórico (1970-1990). **Revista Trilhas da História.** Três Lagoas, v.3, n.6,p.76-96, 2014

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana.** 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da Universidade Brasileira: O modelo de campus. **Rev. Bras. Educ.** vol.21 no.67 Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216742> Acesso em: 18 de Maio de 2022.

CAMPOS, L. dos Santos. **Vida de estudante: um estudo sobre a produção de microterritorialidades dos estudantes da UFMS/CPTL Três Lagoas – MS.**2021.122.fl.Dissertação(mestrado)- Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas- MS.2021.

COLOGNESE, S.; MÉLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia.** Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

COSTA, C. L. Mulheres fazendo balbúrdia: uso e apropriação do espaço na universidade federal de Catalão (GO). In: PORTUGUEZ, A. P.; COSTA, C. L.; MYAZAKI, L. C. P.(org.). **Balbúrdia Geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade.** Ituiutaba-MG: Editora Barlavento, 2020. p. 8 - 33.

FEIXA, Carles. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 3, p.125-140, 2003.

FREITAS, I. C. M. De; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista O público e O privado**, Fortaleza, n. 21, p.91-110, 2013.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p. 7 – 41, 1995.

HARVEY, D. **O neoliberalismo: histórias e complicações.** São Paulo: Loyola, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Trad e Introdução Emilio Martínez Gutiérrez. Madrid: Editora Capitain Swing (Col. Entrelíneas),1974.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MASSEY, D. 1991. Global sense of place. **Marxim Today**, v. 6, p. 24-28, 1991.

MESQUITA, M.R. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**,v.81,p.179-207,2008.

MÜLLER, D.; HALLAL, D. R.; RAMOS, M. G. G.; LOPES, A. I. Universidade Federal de Pelotas: o campus Porto como um espaço público de lazer. In: Colóquio Internacional de gestão universitária XV, 2015, **Anais...** Mar Del Plata-CIGU,2015. p. 1-12.

NEVES, C.E.B; MARTINS, C.B. Ensino Superior no Brasil: Uma Visão Abrangente. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

OLIVEIRA, M. D. De; SILVA, L. L. M. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** - SP, São Paulo, V. 14, Número 1, p.23-34, 2010.

OLIVEIRA, M. F. Da R. Formação do Professor de Geografia: Ensino e Pesquisa In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, VI, 2012, **Anais...** São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. p.1- 14.

PAIS, J.M. Busca de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

PAIVA, D. Teorias Não -Representacionais na Geografia I: Conceitos para uma Geografia do que Acontece. **Revista Finisterra**, Lisboa, V. 106, p. 159 -168,2017

PINTO, Álvaro Vieira. **A Questão da Universidade**. 2a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

SANTOS, Andréa Pereira Dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. 2014.194f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014.

SAVIANI, D. A expansão do Ensino Superior no Brasil. **Póiesis Pedagógica**. V.8, N.2, p.4-17, v. 9, 2010.

SERPA, A. Lugar e Centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS.A.F.A;SOUZA,M.L. De; SPOSITO, M.E.B(orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto,2011, p.97-108.

SILVA, J. M; ORNAT, M.J; CHIMIN JUNIOR, A. B. 'Não me chame de Senhora, eu sou feminista'! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 19, n. 40, p.11-20.2017.

SPOSITO, M.E.B. A produção do espaço urbano: Escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS.A.F. A;SOUZA,M.L. De; SPOSITO, M.E.B(orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**.São Paulo: Contexto,2011, p.123-145.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p119-136.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1980. p.123-132.

ZUBA, J.A.G. **A formação do professor de Geografia: Uma discussão sobre as exigências locais e regionais do Norte de Minas**.2013.212 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia,2013.